

O PROFESSOR SÍLIO VAZ E A U.F.R.J.

Luiz Eduardo da Silva Machado*

"AS ESTRELAS SÃO BELAS POR CAUSA DE UMA FLOR
QUE NÃO SE VÊ ..."

"O Pequeno Príncipe" - Antoine De Saint-Exupéry

Recordar o professor Sílio Vaz é, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, retornar à década de cinquenta, quando têm início, em nosso país, os trabalhos que plasmaram uma nova etapa na formação de pesquisadores e professores na ciência dos céus.

Em 1958 instituiu-se na então Faculdade Nacional de Filosofia, da ex-Universidade do Brasil, o primeiro curso de graduação em Astronomia na história da ciência brasileira.

Fundado graças à clarividência e denodo de dois Astrônomos do Observatório Nacional do Rio de Janeiro, ambos já falecidos, Alércio Moreira Gomes e Mario Ferreira Dias, o curso, que nascia incipiente e frágil, logo concentrou a atenção de professores da antiga Escola Técnica do Exército, hoje Instituto Militar de Engenharia e de Engenheiros Geógrafos do Serviço Geográfico do Exército, com sede, à época, no morro da Conceição, no Rio de Janeiro. Nele pressentiram o apoio que faltava para o desenvolvimento dos estudos e das pesquisas que complementariam os currículos relativos à Geodésia e à Cartografia.

Uma plêiade de professores e alunos das duas instituições militares, ao lado de professores de Física, Matemática e Estatística se reuniram, para juntos, darem começo, no Setor da Astronomia, ao Ensino, à Pesquisa e à Extensão. Neste período essas atividades eram consideradas por alguns como auxiliares, perfunctórias e até mesmo, para os mais radicais, como desnecessárias, à despeito da existência, já praticamente secular, de cursos congêneres em universidades tanto sul e norte americanas, como européias.

Do grupo idealista e, porque não dizer, amante da Astronomia, logo se destacou o professor Sílio Vaz, à época mais conhecido por Capitão Vaz.

*Professor Titular de Astronomia - Ex-Diretor do Observatório do Valongo

Sua alegria contagiante, suas famosas e inesquecíveis gargalhadas, sua imorredoura esperança no destino venturoso da Astronomia brasileira, aliadas às metodologias de cálculo que sabiamente transferiu das instituições militares, adaptando-as para os projetos de Astronomia, constituem marcas e, sem dúvida, marcos de sua atividade profícua de três décadas, seja no Valongo, seja no Instituto de Geociências.

Com o Prof. Sílio, em suas memoráveis aulas de Astronomia I, apareceram e se generalizaram os utilíssimos dispositivos de cálculo, usados inicialmente para facilitar e agilizar o emprego das Tábuas de Logarítmos. Os logarítmos, de saudosa memória, eram largamente empregados na Astronomia, teórica e de campo, até o aparecimento dos computadores e calculadoras eletrônicas, estas últimas denominadas de "maquininhas", pelo Prof. Sílio Vaz.

Com o início do Curso de Astronomia na Faculdade Nacional de Filosofia, o local das aulas práticas foi o Antigo Observatório Astronômico da tradicional Escola Politécnica, hoje Escola de Engenharia, gentilmente cedido por sua Direção.

Desativado por inúmeros anos, em condições não satisfatórias para a finalidade de treinar os alunos e de propiciar os meios instrumentais para a Iniciação Científica, o Observatório necessitava atravessar fase de adaptações, revitalização e modernização de seus equipamentos. O Prof. Sílio Vaz, imediatamente liderou seus alunos e colegas para, junto com os professores da F.N.Fi., dar início ao "período heróico" em que vassouras, pás, baldes d'água e panos de chão substituíram teodolitos, cronômetros, níveis e telescópios, para que o local das aulas práticas, onde seriam desenvolvidos projetos de pesquisa, pudesse apresentar condições adequadas e satisfatórias.

Deste trabalho pioneiro, emergiu, logo em seguida, o reconhecimento da Universidade e obras civis foram iniciadas, remodelando-se as instalações. Modernos equipamentos para o ensino e a pesquisa foram, então, sendo adquiridos. O Instrumental do Acordo MEC-Leste Europeu foi sendo montado e hoje o Observatório dispõe de equipamentos de nível internacional, como os telescópios instalados e em funcionamento em Campinas, SP, além dos que se encontram no Valongo, para a redução computadorizada

das observações astronômicas.

Tudo se originou das primeiras observações sistemáticas de ocultações de estrelas pela Lua, dos registros diários de manchas e grupos de manchas do Sol, executados, tanto no telescópio refrator Cooke-12", como na luneta Pazos (único instrumento em uso fabricado no Brasil, 1881) - a "menina dos olhos" do Prof. Sílio Vaz.

Aos poucos o Capitão Vaz, como era chamado, cedia lugar para o Professor Sílio, como hoje é conhecido, tanto no Observatório do Valongo, como no Instituto de Geociências, para onde se bifurcou a Astronomia da F.N.FI., com a Reforma Universitária de 1967.

Durante vários anos o Prof. Sílio, com sua personalidade contagiadora e sua esperança no curso que ajudava a criar, trabalhou no Observatório do Valongo, sem nada receber da Universidade. Somente em 1968 assinava contrato como Professor Auxiliar para, em promoções sucessivas, atingir a classe de Professor Assistente (1973) e finalmente de Professor Adjunto (1983).

Sua atividade constante, seu gênio alegre, seu otimismo, sua fantástica empatia, a todos conquistava e, somada à sua competência técnica e profundo tino administrativo, logo o alçaram - e sempre por consenso - as funções de Chefe do Departamento de Astronomia e, por duas vezes, nos quadriênios de 1976-79 e de 1982-85, a Diretor do Instituto de Geociências.

A dupla direção, rara na Universidade, por si só, define e realça a dedicação ao trabalho, a estrita exação no cumprimento do dever, a transparência dos atos administrativos, o equilíbrio entre os vários setores do Instituto, uma mini-universidade, como, por outro ângulo, sublinha o seu espírito sempre desarmado, cordial, compreensivo e afável com seus superiores, colegas, alunos e funcionários.

Sua preocupação constante com o entrosamento dos cursos que integram o Instituto de Geociências e com a difusão dos trabalhos de pesquisa da Astronomia, Geografia, Geologia e Meteorologia, levaram-no em 1977 a idealizar uma publicação periódica e quadri-setorial: o ANUÁRIO DO INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS. Lutando contra dificuldades materiais, denominador comum que a todos atinge e amargura na Universidade, conseguiu neste mesmo

ano editar o primeiro número da série, noje já tradicional.

Incentivador pertinaz dos grupos de pesquisa, conseguiu, direta ou indiretamente, que o Anuário fosse sendo publicado e, em 1990, o seu 12º número já está distribuído. Os Anuários, frutos de seu idealismo e capacidade realizadora têm careado para a Universidade, pela permuta interinstitucional, publicações homólogas, separatas e "pré-prints" que, sistematicamente, enriquecem o acervo das bibliotecas setoriais dos quatro cursos, possibilitando não apenas a atualização de conhecimentos, mas tornando o Instituto e seus cursos presentes e atuantes no seio da comunidade científica, nacional e internacional.

Ninguém, absolutamente ninguém, poderia prever que no segundo semestre de 1989 o destino resolveria privar o Professor Sílio Vaz de seus familiares, amigos, colegas, alunos e funcionários da Astronomia, da Geografia, da Geologia e da Meteorologia, da Decania do Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza, das Sub-Reitorias e setores os mais variados da própria Reitoria, de sua querida presença e de seu vibrante e imorredouro estímulo.

Assim quiz a mão impenitente e imprescrutável do destino. Na véspera do Natal de 1989 sua voz se calou, mas seu espírito continua a nos guiar e a confortar em nossas lutas pelo desenvolvimento da Astronomia e da Universidade.